

Pedro Vieira

# NERDQUEST

**7** LETRAS

## COMMON PEOPLE

(*Gente como a gente*, Pulp)

A sensação do Fundão ficando para trás sempre era agradável, mas aquele dia parecia diferente. Havia um engarrafamento na Linha Vermelha, mas Lucas e Marcos estavam tão acostumados que nenhum deles sequer soltou algum palavrão. Marcos baixou o volume do rádio e resolveu puxar conversa, vendo que o amigo estava calado desde que haviam entrado no carro.

– E aí, rapaz? Como vai ser agora, acabou de se formar e tal... – Lucas acabara de apresentar sua monografia de conclusão de curso e, depois de quase cinco anos de Fundão, agora ele voltava pra casa sabendo que não precisaria retornar aos pântanos fétidos da UFRJ.

– Ah, moleque, não enche, porra. Não estou com saco pra pensar nisso agora.

Marcos não se intimidava com uma resposta grosseira. Lucas tinha uma queda pelos dramalhões, se dependesse dele o mundo estaria acabando toda semana. Talvez fosse culpa de um consumo obsceno, praticamente contínuo, de revistas em quadrinhos. Homem-Aranha, X-Men, essas coisas. A longo prazo é pior do que novela.

– Deixa de ser viado. Quando a gente vai comprar os ingressos pro filme? – Perguntou Marcos.

– Porra, é foda. Agora que eu me formei não tenho nenhuma idéia de que porra vou fazer. Pensei que ia ficar mais fácil, mas as coisas só complicam – resmungou Lucas.

“Então era isso”, pensou Marcos, “crise de *viadagem*”.

– O que aconteceu?, é a debilóide da sua namorada que está te enchendo o saco com aquela *bullshit* de subir na vida logo?

– Porra, vai se fuder. A Monique não é debilóide só porque não lê Sandman ou não sabe de cor as letras do Pulp – retrucou Marcos, defendendo a namorada, embora não aparentasse tanta convicção.

– Eu nem gosto de Pulp, bandinha de viado.

Nesse momento, o carro da frente deu uma freada brusca e Lucas quase bateu. Um vendedor de coca-cola e biscoito Globo circulava entre os carros irremediavelmente presos no trânsito congestionado.

– Basta um engarrafamento pra esses vendedores ambulantes brotarem do chão. Acho que eles são gerados por abiogênese. Geração espontânea, essas merdas. Quando mais de dez carros ficam parados juntos por muito tempo na Linha Vermelha, eles germinam do asfalto. Surreal – comentou Marcos.

– Eu pensei que você gostasse de Pulp.

– Só gosto de Babies. Ah, e Disco 2000. E uma outra que eu esqueci.

– Você já ouviu mais alguma coisa?

– Não.

– Porra! Então como...

– Afinal, Lucas, quando a gente vai comprar os ingressos?

– Caralho muleque, falta mais de um mês! Quando começar a vender eu compro, porra!

**IN BETWEEN DAYS**  
(*Entre dias e dias*, *The Cure*)

Jorge trabalhava em um sebo em Copacabana fazia alguns meses. Dez meses, para ser mais exato. Ele já havia estourado umas três vezes o prazo pra entregar sua monografia sobre moedas helênicas, ou algo do gênero. Marcos sempre se esquecia o que ele cursava, era alguma coisa que terminava com o sufixo grego “logia”. Não valia tanto a pena fazer muito esforço para se lembrar.

– E aí rapá – Jorge estava atarefado arrumando umas pilhas de livros quando Marcos chegou.

– Tranquilo. Tá de bobeira? – perguntou Jorge enquanto decidia onde colocar uma versão em inglês de Carlos Castañeda. Não havia uma prateleira para “literatura latina em inglês”.

– Eu tava lá na facul com o Lucas. Só que o moleque teve uma crise nervosa na volta e eu implorei pra ele me deixar aqui.

– E por que isso teria acontecido? – perguntou Jorge, cético, sabendo que Lucas era dado a crises nervosas periódicas. Um tipo de TPM existencial.

– Acho que tem alguma coisa a ver com aquela namorada debilóide. Ela não deve ter topado se fantasiar de Sakura ou Sailor Moon pra ele, sei lá.

– Porra, pára de chamar a garota de debilóide. Só porque ela não lê Sandman nem sabe todas as letras do The Cure de cor não significa que...

– Vai se fuder, eu nem gosto de The Cure. Banda de viado.

Jorge conhecia Marcos o suficiente para ignorá-lo. Resolveu que ia colocar o Castañeda junto com os outros livros em inglês mesmo.

– E a norueguesa? – perguntou Marcos. Jorge tinha uma “namorada” na Noruega. Marcos fazia questão de pensar em “namorada” entre aspas mesmo.

– O que que tem?

– Você vai pra lá? Qual o nome dela mesmo? Laurana?

– Laurana? Tá doido?, ela se chama Aundy.

– Ah, eu sabia que parecia nome de personagem de RPG.

– <sigh>

– E você vai pra lá mesmo?

– Vou, não tô dizendo há meses que estou economizando dinheiro pra ir pra lá? Por que todo mundo tem que repetir as coisas trinta vezes pra você?

– Mas, tipo assim, você nem conhece a garota, nunca saiu do Brasil! Se você chegar lá e ela quiser te sodomizar com uma cinta-caralha? Você vai ter que aceitar, né? Não vai poder fazer essa desfeita pra sua anfitriã.

– Ah moleque, vai se fuder – Jorge pôs a pilha de livros no chão e fez as notas que faltavam na planilha. O sebo era tão zoneado que era praticamente inútil manter algum registro, mas as pessoas gostam de manter registros de coisas inúteis.

– Melhor do que ficar aqui nessa bosta. Aliás, não sei como você não está preocupado. As suas perspectivas são

tão mínimas quanto as minhas e você nem... – Jorge estava se empolgando com a lição de moral que estava para passar em Marcos, mas o amigo o interrompeu, totalmente indiferente.

– Caraca, olha só, um Dungeon Master Guide D20 novinho! – Marcos pegou o livro na pilha mais próxima. Estava novinho em folha mesmo.

– Esse livro é meu, pode largar. A gente não tem RPG amanhã? Eu estava fazendo umas anotações pra aventura.

– Ei, calma aí. Essa é uma loja de livros usados. Esse livro é usado, pô – riu Marcos, debochado.

– Porra, deixa de ser babaca.

– Ei... ? – Marcos chamou o balconista que estava passando por ali, carregando uma pilha de vinis velhos. – Quanto que tá?

– Hmm – fez o homem, enquanto passava uma vista de olhos desinteressada no Dungeon Master Guide de Jorge. – Dez *reuu*.

– Valeu – e virando-se pra Jorge, Marcos completou: – Vou levar esse, moço!

**HOW TO DISAPPEAR COMPLETELY**  
(*Como desaparecer completamente*, Radiohead)

Mais tarde, naquele mesmo dia, o grupo decidiu comemorar a graduação de Lucas e marcou de se reunir em um boteco em Botafogo. Era um pé-sujo clássico, que eles costumavam frequentar nos velhos tempos. Leia-se, por velhos tempos, mais ou menos um ano atrás; antes de Lucas começar a namorar, antes de Jorge começar a trabalhar e antes do Alemão perder contato com o resto. Era um bom meio de tentar juntar os quatro novamente. Jorge havia chegado pouco antes e, logo depois que Lucas chegou com Monique, eles sentaram em uma mesa, dessas de metal, totalmente bamba, coberta por uma toalha quadriculada vermelha.

– E aí, Lucas? Vingadores ou Liga da Justiça? – perguntou Jorge rindo quando foram fazer o primeiro brinde.

Lucas se virou para Monique, explicando, antes que a namorada fizesse algum comentário:

– É tradição, amor, sempre que vínhamos aqui fazíamos o primeiro brinde a um grupo de super-heróis.

A moça empinou o nariz e Jorge ignorou. Às vezes ele concordava com Marcos – a garota não ia compartilhar o

mesmo grupo de amigos de Lucas nem se todos fossem presos em um abrigo anti-radiação por 25 anos. Ela era muito bonita, tudo bem. Loira, magra, bronzeada e tal. Jorge nunca imaginou que esse fosse o tipo de mulher de Lucas até ter visto os dois juntos. Em alguns momentos ele sentia que o amigo ficava inibido na presença dela, então foi logo puxando algum assunto que o interessava, em homenagem aos “velhos tempos”:

– Você continua achando que dá pra vencer a Liga da Justiça?

– Ah, eu acho que depende – disse Lucas, meio constrangido, enquanto a expressão de ódio de Monique se agravava.

– Os Vingadores não ganhavam da Liga nem por um caralho – falou Jorge, com certa grave seriedade de quem está declarando um axioma incontestável.

– Ei peraí, cê acha que dá pra vencer Thor, Hércules, Sersi, Serpente da Lua, Homem de Ferro assim, na boa? Eu tô falando de um grupo ideal, só os pesos pesados que já foram Vingadores.

– Mesmo assim, o Super-Homem come o cu de todos eles. E com areia pra doer mais! Ih, Monique foi mal, eu me empolguei! – desculpou-se Jorge.

– Por mim o Super-Homem pode comer quem ele quiser. Vocês são ridículos, sabiam? – debochou Monique, visivelmente irritada.

Mas Lucas já estava envolvido no debate.

– E os Defensores? Eles podiam vencer a Liga. Lembra dos Defensores? Hulk, Namor, Dr. Estranho, Surfista Prateado...

– Ah, claro, Valquíria, Gárgula. Tinha o Homem de Gelo e o Anjo também? Pra que diabos serve o Homem de Gelo em um grupo com Hulk e o Dr. Estranho? Providenciar guerra de bolas de neve sempre que o Hulk precisar de recreação?

– Pô, vai dizer que eles não davam um coro na Liga. Tinha aquele personagem que era o filho do Diabo, qual era o nome mesmo?

– Putz, pior que é mesmo. Não lembro, droga – xingou Jorge, fazendo um genuíno esforço pra se lembrar.

– Filho do diabo? Devia ser Damien – comentou Monique.

– Porra, Damien é o molequinho da Profecia, todo mundo sabe! – devolveu Jorge, tão instintivamente que esqueceu que não estava se dirigindo a Lucas ou Marcos.

– E como eu vou saber? Nem todo mundo acha importante decorar nome de personagem de revistinha! Ou ficar revendo todos os filmes velhos que passam na tv! – rosnou Monique, agora sim descontente.

– Calma, amor. O Jorge se exaltou um pouco... a gente gosta de discutir esse tipo de... ah... *questão*... – gaguejou Lucas.

– Sério, qual é a utilidade disso? Vai ajudar vocês a arrumarem algum emprego, por acaso?

– Nada a ver, tipo, as revistas em quadrinhos nos abastecem de toda uma gama de cultura... aaah... pop... aah... pós-moderna – balbuciou Lucas, um tanto incerto.

– Isso é completamente inútil. Toda essa babaquice nerd que...

– Opa, qual é a polêmica? – perguntou Marcos, que acabara de chegar, acompanhado de Ingrid e Priscila. As duas eram do curso de Marcos na faculdade e Ingrid estava sendo chamada para preencher a vaga do Alemão no grupo de RPG.

– Ah – respondeu Jorge, aliviado pela providencial intervenção –, aquele eterno paradoxo Liga da Justiça versus Defensores.

– Opa! Vocês já ouviram a minha teoria de que o Dr. Estranho vence a Liga inteira sozinho? – empolgou-se Marcos. – Sentem-se, meninas. Vicente, mais cerveja, por obsé-

quiu – ele ainda tinha intimidade pra chamar os garçons pelo nome.

– Na verdade a gente quer se lembrar daquele personagem dos Defensores que era o filho do diabo – disse Lucas, visivelmente aliviado também.

– Ah. Sei lá. *Hell* alguma coisa. *Hellhound*.

– Ele não é um cachorro, idiota.

– Daimon Hellstrom, Hellstorm – interrompeu Ingrid.

– Como você...?

– Isso!

– Eu sabia que era com *hell*...

Todos os três ficaram boquiabertos. Nem eles, que se consideravam enciclopédias vivas de cultura inútil, tinham conseguido se lembrar! Ingrid riu.

– Ah, a revista solo desse Hellstorm foi um dos primeiros trabalhos que o Warren Ellis escreveu pra Marvel. Eu não sou chegada a HQs *mainstream*, mas sou fã de Transmetropolitan, Planetary, Global Frequency... Os trabalhos mais autorais dele...

Lucas e Jorge haviam visto Ingrid uma ou duas vezes e as duas meninas só estavam ali porque iriam mais tarde à Casa da Matriz, que era ali do lado e um dos últimos guetos para quem queria ouvir música alternativa nesse Rio de Janeiro, antro de boates para *ultimate fighting* e micaretas.

Ingrid era baixinha, muito branca, tinha o cabelo curto pintado de vermelho berrante e poderia se dizer que estava um pouco acima do peso para ser figurante de *Malhação*. Tinha o nariz fino e os olhos vivos e expressivos, estava com uma saia curta e botas e sua bolsa tinha um bótton do Radiohead.

– Cara, que foda, você gosta de Transmetropolitan! – exclamou Lucas, como se houvesse acabado de descobrir sua irmã gêmea perdida, separada na maternidade ou algo do gênero.

Monique levantou a sobrancelha e, nesse momento, ligou o radar de alerta, procedimento de defesa comum e corriqueiro em todas as mulheres. No caso dela, extremamente eficiente.

– E Global Frequency. Pensei que só eu tinha baixado essa série no Emule – riu Jorge, impressionado.

– Ei, eu liio Sandman! – disse Priscila, pra não se sentir totalmente excluída. Priscila era morena, usava óculos de aros retangulares, típicos da tribo *indie*, e tinha o cabelo preto na altura do ombro. Era bonita, mas não lia Transmetropolitan e nem Global Frequency.

O tópico da conversa foi se metamorfoseando com uma fluidez aleatória. Passou de quadrinhos para cinema e depois para música e jogos de computador. Ingrid contou a perturbadora história de como um amigo dela perdeu a namorada, o emprego e o ano na faculdade devido ao vício em um *massive multiplayer game*, a nova praga que está assolando o mundo nerd, a pior de todas desde o advento de Magic: The Gathering. Até que Marcos olhou no relógio do celular:

– Meninas, se vocês quiserem entrar com desconto têm que ir pra fila logo.

– Aproveitando a deixa, eu também vou pra casa. Tenho que acordar de madrugada porque minha namorada vai entrar hoje na internet. Os fusos são bem diferentes e tal... – disse Jorge.

– Nós também temos que ir, né Lucas? – disse Monique, já se levantando.

– Temos? A gente não ia à festa com...

– O que eu disse que tenho que fazer amanhã cedo?

– Hmm. Trabalho não remunerado no leprosário? – cochichou Marcos, e Jorge quase cuspiu cerveja em todo mundo. Lucas estava com cara de bocó tentando se lembrar o que havia perdido.



– Vamos! – disse Monique, ligando o *modo simpática* no automático e despedindo-se de todos com sorrisos e beijinhos.

– Mas afinal, o que você tem pra fazer amanhã? – perguntava Lucas enquanto ela saía caminhando em direção ao carro.

– Curso de mecânica de reatores nucleares? – cochichou Jorge enquanto os dois se afastavam. Marcos riu.



**WICKED GAME**  
(*Jogo perverso*, Chris Isaak)

O jogo estava marcado às 16h na casa de Jorge, em Copacabana. Excepcionalmente, iriam jogar no fim de semana, porque o normal era que jogassem quarta à noite. Monique resolveu “liberar” Lucas dessa vez.

– Você não vai acreditar – disse Marcos quando chegou.  
– O Alemão me ligou, disse que vinha.

– Ele sempre faz isso e nunca vem. Pelo menos a Ingrid vem?

– Deve estar chegando, ela tá na casa do pai, na Tijuca.

– Beleza – concordou Jorge. – Que porra é essa? Pakera Cola? Você não pode trazer um refrigerante normal? Tem que comprar o mais tosco?

– Curiosidade mórbida, não pude evitar. Tem aspecto de detergente, será que tem gosto de quê?

A campanha tocou. Jorge esperava que ninguém houvesse esquecido de trazer refrigerantes. Eram Lucas e Ingrid, que haviam se encontrado no saguão.

– E aí Marcos, eu soube que você queria comprar o Dungeon Master Guide do Jorge.

— A maior pechincha do sebo, mais barato que o álbum incompleto do Pokemon. Mas eu fiquei com pena dele — riu Marcos.

Aquela seria a primeira vez que eles jogariam com Ingrid. Ela já havia jogado Vampiro e iria experimentar um RPG estilo medieval, *clássico*. Já que o Alemão praticamente não vinha nunca, ela faria um personagem novo para substituí-lo, e Jorge se sentou para auxiliá-la a “rolar” o personagem, que seria uma barda.

Nesse meio tempo, Marcos foi ao computador deixar algumas coisas baixando no Emule, enquanto Lucas olhava os livros de Jorge pensando qual deles levaria para casa. Escolheu *On The Road*, o clássico de Jack Kerouac, que já tinha lido, mas tencionava ler mais uma vez. Uma analogia havia lhe ocorrido e ele queria ler o livro pra formar uma melhor opinião. A geração de Kerouac (*beat*, ou seja o que fosse) era formada por um número de escritores, poetas e artistas em geral que realmente almejavam algo novo, quebrar a monotonia, revolucionar. Em termos de arte e de vida. Mas para chegar nisso passavam o tempo se embebedando e vagando pelos cantos à procura de justificativas pra continuar vagabundeando e enchendo a cara. Ele e os amigos não eram lá muito diferentes (*nerds*, ou o que seja). Tinham inclinações e faculdades bem definidas que uma parcela ínfima da população possuía e mesmo assim não utilizavam esse potencial para construir algo dito “concreto” (palavras dos pais de Lucas). Estavam sempre almejando coisas tão *irreais* (como escrever “o” livro, compor “o” disco, filmar “o” filme) que desperdiçavam o tempo entre jogos inúteis, cultura pop descartável e música que nunca ninguém quer conhecer.

Enquanto Kerouac estaria se reunindo com Allen Ginsberg e William Burroughs para encher a cara, se chapar

de benzedrina, sair sem rumo e ainda arranjar uma briga; Lucas e seus amigos estavam reunidos para jogar RPG e comer pizza com...Pakera Cola! Talvez Lucas saísse ganhando se explicasse essa tese para sua mãe.

– Você não pode dar pontos extras pra ela só porque ela é nova. Isso não existe – reclamou Marcos.

– Não enche, eu dou pontos pra quem eu quiser! – devolveu Jorge, que mal podia acreditar que Marcos estivesse chiando por causa de *um* maldito ponto extra de Carisma.

– Me dá um *skill point* então. Só um. Veja só, o que é um ponto de *skill* comparado a um ponto de atributo? Nada!

– Tá bom, Marcos, põe aí e não me enche.

“Já passei da minha cota de melancolia”, pensou Lucas. Se Marcos podia ganhar um *skill point* ele também ia reclamar o seu, ora bolas!

**TITTIES N' BEER**  
(*Peitinhos e cerveja*, Frank Zappa)

O jogo já havia começado quando o universo virou de ponta-cabeça. O Alemão apareceu. O fato era tão improvável que mal há adjetivos para qualificar tal gravidade. Era como estar assistindo “O Império Contra-Ataca” pela quadragésima sétima vez e de repente o Spock aparecer para discutir a vida sexual do Chewbacca com o Han Solo. Simplesmente, *irrealisticamente*, surrealmente impossível.

Segundo eles mesmos comentavam, o Alemão havia se desligado da galera quando escolhera vender a alma ao Diabo. Não, ninguém estava se referindo a algum *live action* doentio de Vampiro: o Alemão era guitarrista e tocava em uma popular banda de rock adolescente, chamada *FunFarra*. Claro, havia uma razoável dose de inveja não-declarada envolvida, já que não fazia tanto tempo que Jorge, Marcos, Lucas e o Alemão estavam comprando seus instrumentos e começando a ter aulas, com intuito de salvar o rock'n'roll (ninguém sabia exatamente do quê, mas ele precisava urgentemente ser salvo). A banda deles teve uma vida útil extremamente curta. Era um projeto experimental, com influências

de Flaming Lips, Frank Zappa, Mutantes e Radiohead. *Tipo assim*, um potencial *number one hit* nas paradas do mundo bizarro.

Um belo dia, Alemão deixou a banda para tocar com o priminho surfista de 16 anos e seus amigos. “Só de bobeira, pessoal, pra passar o tempo”, e meses depois o *hit Seu pranchão não cabe na mala do meu fusca* estava tocando em todas as rádios, causando edemas cerebrais em indivíduos com mais de 15 anos e um mínimo de sensibilidade musical. “Atitude, pessoal, o que conta é a atitude”, desculpava-se Alemão.

Na realidade, o que conta é que o Alemão era agora um artista pop bem-sucedido, morando no Leblon, andando de carro zero e dando entrevistas na MTV. A agenda cheia praticamente não deixava mais tempo para os passatempos nerds dos amigos subempregados. Tampouco tinha tempo para voltar a tocar com o *Casimiro SoundSystem Experiment*, como se chamava a ex-banda deles, em homenagem ao grande poeta Casimiro de Abreu (o primeiro álbum seria um trabalho conceitual, inspirado na vida e obra do mais sensual dos poetas românticos. *Top 10* na *Billboard* do mundo bizarro, certamente).

Bom, então o Alemão apareceu. Tinha trocado o antigo cabelo comprido por um visual *bagunçado-fashion* (afinal, não é nada *fashion* ter cara de metaleiro e tocar em uma banda pop). E ainda estava cheio de piercings (isso agora era *fashion*, e como os outros integrantes da banda eram menores de idade, ele tinha que acumular toda a *fashionice* que o resto da banda não podia ter).

– E aí pessoal, vamos jogar? Eu trouxe o meu *priest!* – disse o Alemão, empolgado.

– Peraí cara, depois de tanto tempo, você não conta nenhuma novidade? – perguntou Lucas. – Puxa, vocês ganharam aquele prêmio da MTV...

– Ah, a gravadora pagou, pô. O vocalista da banda é sobrinho de um figurão lá...

– Ih, que merda – riu Marcos.

– Ah cara, o que interessa é que você tá tocando, né... – comentou Jorge.

– Mais ou menos, porque os caras não conseguem tocar quase nenhum *riff* que eu componho. Tipo, só pode ter *power chord* e olhe lá. E o empresário recusa as minhas letras, parece que são muito... ahn... *herméticas*. Ou algo assim. Mas tudo bem.

– Mas que merda, hein? Pelo menos você não vai morar na Noruega! – riu Marcos novamente, sendo alvejado na hora por um pacote de Passatempos arremessado por Jorge do outro lado da mesa.

– Pô galera, eu não posso ficar muito tempo. Ninguém pode saber que eu jogo RPG. Sabe como é, seria péssimo pra imagem da banda, né...

– Claro, Alemão. Imagine você, um grande popstar, sendo desmascarado como um nerd imundo! – debochou Marcos.

– Porra, Marcos, você é muito implicante! – interrompeu Ingrid. – Deixa o cara, até parece que algum de vocês, se tivesse a mínima chance, não gostaria de estar no lugar dele. Digo, em qualquer lugar melhor do que onde a gente está.

E sobre a mesa pairou um silêncio constrangedor. Até Lucas proferir o veredicto:

– Então vamos calar a boca e jogar, caralho.

– *Jogar caralho?*

– Calaboca, Marcos.